

Turismo e Lusofonia

LUIZ TRIGO * [trigo@usp.br]

Resumo | Este artigo analisa as diferenças linguísticas entre os países de língua portuguesa. As culturas locais, o meio ambiente, os desenvolvimentos históricos e econômicos peculiares originam diferentes meios de expressões orais ou escritas, mesmo entre povos que partilham da mesma língua. As raízes culturais se transformam, ao longo da história, em diferentes meios de expressão, graças à riqueza cultural humana. É muito importante compreender as principais vertentes da cultura, desde os textos mais antigos de cada povo até o imaginário contemporâneo, construído pelos livros, tradições orais, brincadeiras e jogos, o imenso mundo da arte, cultura de massa, viagens e turismo, comércio, conflitos e, não menos importante, o mundo virtual de nossas comunicações e expressões. O universo do turismo floresce nesse vasto campo de tendências e desafios culturais, interagindo com a matéria-prima mais estimulante: as pessoas e suas realidades, desejos, receios e sonhos.

Palavras-chave | Lusofonia, Cultura, Turismo, Portugal.

Abstract | This article analyses the differences of language between the countries where the Portuguese is a common language. The local cultures, the environment, the developments of each history and economy implies in different ways of written and oral expressions, even in a common language. The roots of a culture are transformed, through history, in several branches of expressions with specific characteristics, thanks to the human cultural richness. It is very important to understand the mainstream of this cultures, since the earliest texts of each people to the contemporary imaginary which is made from books, oral tradition, jokes and games, all the different ways of art, mass media, travel and tourism, trade, conflicts and, last but not least, the nowadays virtual tools of communication and expression. Tourism flourishes in this field of cultural trends and challenges, dealing with the most exciting raw material: people and their realities, desires, fears and dreams.

Keywords | Lusophony, Culture, Tourism, Portugal.

* **Professor Titular** da Universidade de São Paulo, Brasil.

1. Introdução

A nossa plenitude está em conhecer e interpretar nossas raízes. E superá-las.

A viagem pelos espaços ocupados por povos que possuem língua, cultura, memória e imaginário, compartilhados em um caldo civilizatório complexo e diversificado, é uma experiência de ascese pessoal marcada pelo prazer, por emoções e afetos intensificados e pelas dinâmicas de nossos saberes e ideais. Quando esse espaço é intensamente tematizado, ou demarcado por um conjunto de características ricas de sentido e significado para a comunidade em geral, a experiência adquire matizes mais intensos que são percebidos e interpretados pelos que compartilham facetas dessa homogeneidade cultural ou civilizatória.

Espaços como a lusofonia são propícios a essas experiências para os que compartilham de sua língua e cultura. São experiências similares a outras culturas como o bolsão da língua castelhana ao redor do mundo; ou às comunidades que falam mandarim, cantonês ou as línguas do subcontinente indiano; ou ainda os anglófilos, divididos em uma imensa teia global de diversidade étnica e cultural.

No caso da lusofonia, o universo linguístico português é composto por oito Estados-Membros da Comunidade de Países de Língua Portuguesa – CPLP (Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Timor-Leste), mais Macau e Guiné Equatorial. O português abrange um universo demográfico de cerca de 240 milhões de pessoas, sendo uma das sete línguas mais faladas no mundo.

Pensar em aproveitar essa homogeneidade linguística como possibilidade de incentivar o turismo entre seus países é um desafio considerável. São países distribuídos pela América do Sul, Europa, Ásia e África. Apesar de aspectos linguísticos comuns, as culturas são bastante diferenciadas, assim como o desenvolvimento econômico e o Índice de Desenvolvimento Humano. Os fluxos

turísticos são extremamente discrepantes, conforme dados da Organização Mundial de Turismo (UNWTO, 2013).

O maior receptor internacional turístico é o território de Macau (12,9 milhões de turistas internacionais), seguido por Portugal (7,4 milhões) e Brasil (5,4 milhões). O paradoxo é que Macau hoje é território chinês, o português é uma língua oficial apenas por tradição, sendo escassamente utilizada e a cidade tornou-se um dos destinos privilegiados de hotéis-cassinos, rivalizando com Las Vegas, onde recebe os chineses endinheirados para jogos e entretenimento. Os outros países africanos e Timor-Leste recebem apenas algumas centenas de milhares de turistas, sendo Cabo Verde, Moçambique e Angola os países africanos lusófonos melhor colocados no *ranking* internacional.

Com tantas diferenças entre si, com alguns países sem infraestrutura para serviços turísticos, uma proposta para aproveitar a lusofonia como atrativo passa pela valorização dos pontos comuns que, em primeira análise, refere-se à língua e a vários aspectos culturais compartilhados. É preciso um trabalho de base para que os planejadores, investidores, empresários e operadores de hospitalidade, turismo e entretenimento, entendam as características linguístico-culturais, sociais e políticas da lusofonia para valorizá-la devidamente. O reconhecimento desse amplo espectro é fundamental para alavancar valores, práticas e projetos que envolvam os fluxos de viajantes entre os países lusófonos.

A partir desse reconhecimento cultural, deve-se atentar às características técnicas e metodológicas dos diversos projetos possíveis e desejáveis para incentivar e divulgar os serviços, em geral, e o turismo em particular.

Entendo que se não houver uma valorização *a priori* e fundamentada dos valores culturais da lusofonia, será mais difícil viabilizar projetos comuns. Esse reconhecimento é prioritário para que os responsáveis pela gestão, pública, privada e comunitária (ONGs) do turismo, sejam disseminadores de qualquer proposta ou iniciativa.

2. Origens

Ah, disse o Senhor, todos eles são um povo só e uma língua só, e é esta a sua primeira obra! Agora, nada do que projetarem fazer lhes será inacessível. Vamos, desçamos e confundamos a língua deles, que não se entendam mais entre si. Dali, o Senhor os dispersou sobre toda a superfície da terra, e eles cessaram de construir a cidade. Por isso, foi dado a ela o nome de Babel, pois foi ali que o Senhor confundiu a língua de toda a terra, e foi dali que o Senhor dispersou os homens sobre toda a superfície da terra. (Gênesis, 11, pp. 6-9)

Os países lusófonos compartilham de razoável imaginário comum. Isso não significa apenas representações, simbologia ou ideologia.

O termo 'imaginário' remete-nos à imaginação, mas a história do imaginário não é uma história da imaginação no sentido tradicional, trata-se de uma história da criação e do uso das imagens que fazem uma sociedade agir e pensar, visto que resultam da mentalidade, da sensibilidade e da cultura que as impregnam a animam. (Le Goff, 2011, p. 13)

Esses países possuem uma estrutura linguística comum, apesar das grandes diferenças regionais. Suas classes mais intelectualizadas tiveram contato com autores europeus, inclusive os portugueses e sua cultura popular possui uma amálgama de tradições, oralidades e costumes que remetem igualmente a Portugal e outros países que influenciaram suas culturas locais.

É o imaginário que envolve a cultura, que move múltiplas e que caracteriza o estado de espírito de um povo, desenvolvendo a função de vínculo social, de compartilhamento de um sentimento comum, construindo um importante fator na revitalização e preservação do patrimônio cultural das comunidades. (Leite, 2011, p. 17)

Essas fontes culturais seminais são importantes na história e na sociedade atual das comunidades

lusófonas. Partes significativas dessas fontes são europeias e, particularmente, portuguesas. Mas o que significa a Europa, esse continente com milênios de história e tradições?

Na Europa há vento, neve, luz, água, incêndios,
E ainda gramática, sintaxe e bibliotecas extensas.
Paralela à Natureza existe, pois, a linguagem.
E em tão erudito continente existem mais institutos
Públicos preocupados com a boa utilização das me-
táforas
Do que preocupados com ciclones.
É, no fundo, um continente civilizado, lavado,
Com cuidados de higiene aplicados à paisagem –
Que chegam mesmo, em certas paragens onde faz
mais frio,
A pormenores de lupa.
(Tavares, 2010, p. 121)

É assim que o português Gonçalo M. Tavares, em seu monumental "Viagem à Índia", vê a Europa. A antiga metrópole portuguesa sempre teve alta estima, aliada a uma visão crítica, de si mesma. O velho continente tem um imaginário poderoso, um corpo doutrinário milenar e uma face identificada:

A Europa jaz, posta nos cotovelos:
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.
O cotovelo esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.
Fita, com olhar sfíngico e fatal,
O Ocidente, futuro do passado.
O rosto com que fita é Portugal.
(Pessoa, 2010, p. 15)

Portugal é fonte contraditória e fabulosa da lusofonia. Foi um dos países que se esparramou pelo mundo em busca de si mesmo, ao longo das

explorações e colonizações que lhe glorificaram um passado que perdura no imaginário. A conhecida excepcionalidade da palavra “saudade”, tão cara à língua portuguesa, mostra essa nostalgia que Fernando Pessoa exprime com genialidade no verso “Ah, todo cais é uma saudade de pedra!”. Saudades implicam partidas, viagens, regressos e sonhos, mas “não viajamos para nenhum paraíso. Quase todas as nossas viagens são sempre um regresso ao passado de onde nunca saímos” (Tavares, 2010, p. 15, citando o personagem Eduardo Lourenço).

Entre encontros e desencontros, vitórias e derrotas, glórias e enganos de seus soberanos, desgraças arquetípicas como o terremoto de Lisboa (1755) e as guerras coloniais na África no século XX, o país forjou um imaginário marcante. O “Mar Português” uniu povos e espalhou culturas, fundou colônias, perdeu-as e deixou um legado. “Hoje, sei apenas gostar, duma nesga de terra debruada de mar” (Torga, 1994, p. 131). Esse imaginário está num contexto europeu, mas numa irmandade ibérica:

Terra nua e tamanha
Que nela coube o Velho-Mundo e o Novo...
Que nela cabem Portugal e Espanha
E a loucura com asas de seu povo.
(Torga, 2010, p. 135)

São as terras da península mais ocidental do continente. A “Jangada de pedra”, que Saramago deitou à deriva pelo Atlântico, numa analogia às navegações históricas e imaginárias dos dois países. Terras onde os bagos da terra acabam em “sol engarrafado a embebedar os quatro cantos do mundo”, numa dionisíaca poesia enológica (Torga, 1996, p. 33).

Um dos laços culturais mais simbólicos é o que une a Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro às suas origens, textos e alfarrábios sobreviventes do terremoto que arrasou Lisboa e provocou uma paradoxal modernização no país, sob a égide do Marquês de Pombal. Os salvados da biblioteca atravessaram o Atlântico, com a família real que se refugiou no

Brasil, então colônia, e por lá ficaram, formando a primeira biblioteca brasileira. Herdeiro da língua de Camões, que tomou *nuances* próprias no hemisfério austral americano, o Brasil hoje possui o único Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, além da fabulosa biblioteca Brasileira, recentemente inaugurada (2013) na Universidade de São Paulo. Entre a primeira biblioteca trazida pelas naus e o novo monumento cultural da formação bibliófila brasileira, cinco séculos enriqueceram as línguas e as culturas que beberam nas fontes galegas e latinas do velho continente.

Mas o trabalho de (re)descoberta e construção permanente da língua é inesgotável. Como exemplo edificante tem-se o lançamento (em abril de 2013) da Obra Completa do Padre António Vieira (1608-1697), um projeto luso-brasileiro organizado pelo historiador Jose Eduardo Franco e pelo filósofo Pedro Calafate. São 30 volumes com cartas, sermões, profecias, política, poesia e teatro, publicados pela editora Círculo de Leitores. “Em português, as palavras são Vieira. Ninguém, antes dele, ninguém, depois dele, fez tanto com as palavras, fez tanto pelas palavras. Sem Vieira, não teríamos a língua que temos.” Assim expressa António Sampaio da Nôvoa, Reitor da Universidade de Lisboa. Os detalhes e comentários sobre essa importante coleção podem ser encontrados no sítio *online* com o título “Padre António Vieira, A Obra Completa” (Círculo de Leitores, s.d.).

Assim como Octávio Paz escreveu “O labirinto da solidão”, referindo-se ao seu país, México, Eduardo Lourenço escreveu “O labirinto da saudade”, um discurso crítico sobre as imagens que os portugueses criaram sobre si. O texto não é um panegírico cabotino como “A arte de ser português” (Teixeira de Pascoaes), nem um elogio estrangeiro jornalístico como “A primeira aldeia global” (Martin Page). É uma análise crua do cotidiano e do pensamento lusitano, desde o imaginário referente aos “Lusíadas” até as manifestações contemporâneas de cultura que intrigam ou incomodam sua população.

Cada país da Europa possui suas suscetibilidades, como citou Hans-Magnus Enzensberger em "A outra Europa" (1987), ao analisar alguns países europeus (Suécia, Itália, Hungria, Portugal, Noruega, Polónia e Espanha) de uma maneira mais profunda que os guias turísticos ou textos convencionais sobre seus povos e costumes. Faltou analisar os ingleses, poloneses, alemães, eslavos, mas no livro de Enzensberger não faltaram os povos ibéricos.

Esse lado crítico, às vezes amargo, dos portugueses, atravessou oceanos. O espanto perante o mundo desdobrou-se em viagens de descobertas (ou achamentos) e em colônias vigorosas. Essas colônias atraíram migrantes de vários lugares e cresceram em forças e modos diferenciados, superando algumas vezes os projetos e pretensos desígnios da metrópole. Já no início do século XIX, o Brasil se desgarra e inicia um longo e doloroso trajeto para se firmar como potência latino-americana, apenas no final do século XX. Em África, as colônias, ricas e controladas finalmente despontam, em 1975, para suas vidas em liberdade política conflituosa buscando modelos que as insiram no complexo mapa global do século XXI.

Mas as raízes ibéricas não se perderam.

A Espanha e Portugal são, como a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário. Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. (Holanda, 1995, p. 31)

Essas raízes floresceram em lutas e glórias, histórias e derrotas, conflitos e alianças que forjaram, ao longo das últimas décadas, uma tentativa de compreensão mútua sob a forma da lusofonia.

Lembra, um pouco, a "Árvore" do poema de Mia Couto (1999, p. 59):

(...)
cego
de ser raiz
imóvel
de me ascender caule
múltiplo
de ser folha
aprendo
a ser árvore
enquanto
iludo a morte
na folha tombada do tempo.

Assim a pequena faixa de terra localizada no ocidente europeu, onde o Mediterrâneo se acaba e a vastidão atlântica domina os horizontes, hoje possui outros mundos criados à sua imagem e dessemelhança. Não há apenas pontos comuns e pacíficos entre os oito países lusófonos. Há relatos de saudades e memórias dos conflitos, porém uma alteridade se constitui entre eles. Essas relações podem florescer através de contatos mais intensos e frequentes, revigorando um passado que merece ser lembrado. O jornalista inglês Martin Page entende que

(...) ainda que os turistas que chegam a Portugal sejam levados a visitar o grande Mosteiro da Batalha, construído para comemorar a célebre vitória sobre os espanhóis que confirmou a nacionalidade de Portugal, alguns acham que a verdadeira alma da nação está ao lado, no Mosteiro de Alcobaça, edificado por monges de Cister da Borgonha, onde foi criada e disseminada uma nova civilização humanista. O grande papel dos portugueses não foi, pois, o de conquistadores, muito menos o de conquistados, mas antes o de um povo pivô, uma espécie de conduta através da qual as ideias, o conhecimento e as tecnologias se transmitiram à Europa e ao mundo. (Page, 2009, p. 33)

3. O patrimônio linguístico lusófono

A plataforma sobre a qual a lusofonia se instala é a língua. Uma língua rica, plural, mergulhada nos berços históricos de Luís de Camões, Padre António Vieira, Fernando Pessoa. Língua constantemente recriada na complexidade literária de autores oriundos de vários países lusófonos como Guimarães Rosa, Mia Couto, José Eduardo Agualusa, Agustina Bessa-Luís, Miguel Torga, Érico Veríssimo, Euclides da Cunha, João Ubaldo Ribeiro, Eça de Queirós e centenas de outros artesãos e artesãs da palavra. Pessoas que se expressam pelos territórios onde a língua portuguesa exerce o verbo criador e transformador.

O português é uma das línguas que mais crescem nesse momento histórico, um crescimento do multilinguismo em geral nas sociedades permeadas pelas novas tecnologias de comunicação, informação e entretenimento. As novas forças produtivas implicam mudanças no padrão da governança global que precisam ser devidamente mensurados. É preciso avaliar o valor econômico da língua, de acordo com os desenvolvimentos teórico-metodológicos propostos por Grin, na Suíça, e por Municio, na Espanha (Lopes, 2013, p. 64).

O ponto central da importância da lusofonia para o turismo surge exatamente dessa análise econômica e linguístico-cultural.

Medir o valor econômico da língua dentro de um país é verificar qual é o coeficiente de participação da língua nos diferentes ramos em que se divide a contabilidade nacional, segundo sua participação no PIB. É possível indicar um coeficiente linguístico em cada ramo da produção e posteriormente quantificar a importância da língua para cada ramo. Pesquisas demonstram que, evidentemente, o valor econômico da língua encontra-se em maior proporção no setor de serviços, é menor na indústria e menor ainda na agricultura. Um setor como o educacional, por exemplo, é 100% dependente da língua, de modo que aí, entre outros setores, seu valor é máximo. (Lopes, 2013, p. 64)

Sendo os setores de viagens, turismo e entretenimento inseridos no setor de serviços e todos demandando educação e formação profissional para serem devidamente planejados, implementados e geridos, delinea-se então, claramente, o núcleo produtivo a ser analisado e valorizado para que os laços entre turismo e lusofonia sejam devidamente reconhecidos, interpretados e, conseqüentemente, valorizados.

Esse núcleo tem a ver com os quatro temas propostos para debates no evento da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – CPLP (2012):

- Relações comerciais e empresariais;
- Relações acadêmicas, cultura e língua;
- Boa governança, integração regional e relações inter-regionais;
- Turismo.

Fica clara a importância que a língua, a cultura e as viagens possuem para uma agenda que pretende articular e organizar ações reativas aos países lusófonos e sua área de influência. A agenda da CPLP e a análise do valor econômico da língua se articulam em torno a esses pontos importantes que são uma das bases para se analisar os cenários e tendências da lusofonia no mundo atual.

4. As línguas portuguesas

Para se entender melhor o presente, caracterizado por um pluralismo cultural e linguístico, regional e global, é preciso entender alguns conceitos e buscar as fontes das origens de nossa língua. Essa investigação é fundamental em termos axiológicos. Os diversos povos e países lusófonos necessariamente precisam reconhecer seus valores regionais para se sentirem dignos e merecedores de uma identidade que lhes garanta méritos. Para isso é importante entender que a língua é um patrimônio de todos os territórios permeados pela lusofonia e que não há – e nem pode haver – uma escala axiológica

linguística ou étnica. As diversas expressões culturais e da “fala” são igualmente relevantes, corretas e valorizadas, tanto pelos seus próprios habitantes quanto pelos outros participantes dessa comunidade global. Para isso é crucial entender os fundamentos que nos unem pela palavra e pelas culturas.

Segundo vários analistas contemporâneos, o conceito de língua não é um conceito científico no sentido de ter um rigor teórico e delimitação precisa, mesmo que a suposta ciência denominada “linguística” lute para fazer dele os alicerces para seu fundamento epistemológico. Para Marcos Bagno, o conceito de língua só pode ser

(...) sociológico, antropológico ou político, ou seja, um conceito inseparavelmente entrelaçado com as crenças, superstições, juízos de valor, preconceitos, representações sociais e ideologias que circulam numa sociedade, inclusive em seus ambientes acadêmicos e científicos. (Bagno, citado por Lopes, 2013, p. 232)

Bagno discorda das posturas que encaram a língua italiana, por exemplo, como sendo uma língua referencial e as outras manifestações linguísticas da península itálica serem caracterizadas como “dialetos”. A “língua” italiana é na verdade o “dialeto” toscano que foi escolhido, por razões políticas, culturais e ideológicas, para receber esse título quando ocorreu a unificação da Itália em um único estado, em 1861. Outro exemplo é a língua árabe. Por questões religiosas, o que se denomina “árabe” é a língua na forma que se encontrava quando o profeta Maomé redigiu o livro sagrado do islamismo, o Corão, no século VII. Essa língua, também denominada “árabe clássico”, é uma língua morta, restrita aos textos religiosos. Nos diversos países de língua árabe, existem formas de falar tão diferentes entre si quanto o português e o francês ou o italiano, por exemplo, às vezes sem possibilidade de intercompreensão entre seus falantes e isso é natural. É uma ilusão ideológica crer que em um território que se estende da costa ocidental da África, atravessa o Oriente Médio e termina nas fronteiras asiáticas do

Iraque com o Irã, se fale uma única língua árabe. Porém, essa ilusão é sustentada pela própria cultura árabe, pois a maioria dos 22 países “árabes” possui um sistema educacional que ensina o “árabe clássico” e sua forma mais moderna, o “árabe padrão”, não valorizando devidamente as outras línguas locais, os “dialetos” particulares.

Há um ditado atribuído ao linguista Max Weinreich: “Uma língua é um dialeto com exército e marinha”. Por isso a separação entre língua e dialeto é meramente política, por mais que os linguistas tentem estabelecer critérios para fazer essa distinção. Se isso vale para línguas faladas em regiões de menor extensão territorial ou densidade demográfica, evidentemente vale para países que possuem vastos territórios e complexidades histórico-culturais e econômicas como Angola, Moçambique, Brasil e Portugal. Em todos esses países fala-se o português, mas com estruturas próprias que constituem línguas específicas e independentes, apesar de suas raízes comuns.

Para se conseguir uma união livre, responsável e madura entre os países lusófonos é preciso, em primeiro lugar, reconhecer seus valores linguísticos e culturais de maneira axiologicamente equânime.

Em 2011, foi publicada, no Brasil, a “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, um calhamaço de 1.055 páginas, escrito por Marcos Bagno e que representou avanços significativos na valorização do português brasileiro e, conseqüentemente, de outras línguas lusófonas como um todo. Essa obra avança na análise de algumas questões importantes que podem contribuir para melhor entendimento entre diferentes culturas e etnias, a partir de plataformas importantes como a língua. Por exemplo, o senso comum muitas vezes se confunde com as variações linguísticas inerentes a línguas similares. O espanhol falado na Espanha é diferente do falado na Argentina, Chile ou Filipinas. O mesmo acontece com o francês que é falado no Tahiti, nas antigas colônias do Caribe ou na França. Com o inglês as diferenças são ainda maiores, haja vista a extensão de países anglófonos pelo planeta, sem contar as

características do *global english*, que marca o mundo virtual da internet com seus *games*, *chats* e *sites* de todos os tipos.

Isso significa que o inglês de Boston ou Oxford, o espanhol de Castilla y León, ou o francês da Île Saint-Louis, não são mais corretos ou charmosos que as línguas faladas no Bronx (New York), no interior do Peru ou na periferia de Argel.

O mesmo acontece com o português. Por isso, na introdução da “Gramática Pedagógica do Português Brasileiro”, está explícita uma postura fundamentada em decisões eminentemente políticas:

Considerar o português brasileiro como uma língua plena e autônoma (e não como uma “variedade” do português europeu), dentro de um grupo de línguas que vou chamar aqui de portugalgo. (Bagno, 2011, p. 21)

Essa tendência é marcante nos estudos linguísticos brasileiros recentes. Em 2010, foram lançados a “Gramática do Português Brasileiro”, de Mário A. Perini (São Paulo: Parábola Editorial) e a “Nova Gramática do Português Brasileiro”, de Ataliba T. de Castilho (São Paulo: Contexto).

Para Bagno,

(...) esses dois lançamentos representam uma radical mudança na história das publicações gramaticais brasileiras. Além de trazer no título o nome da nossa língua, tal como vem sendo usado nas pesquisas mais avançadas sobre a realidade linguística brasileira, essas duas obras rompem com a tradição de vincular sempre o estudo gramatical da língua da maioria dos brasileiros à comparação entre essa língua e a língua dos portugueses (e sempre sob a perspectiva da escrita literária, como se sabe). (Bagno, 2011, p. 25)

Castilho esclarece que nos séculos XVI a XVIII, a língua trazida de Portugal denominava-se português “no” Brasil, pois era inteiramente lusitana e não tinha superado as línguas indígenas. A partir do

século XIX, tornou-se majoritária e começou a se distanciar do português europeu, sendo denominada português “do” Brasil. A partir dos anos 1980, suprimiu-se o “do” e passou-se a falar em português brasileiro (Castilho, 2010, p. 31).

Bagno explicita que

(...) as comparações com o português europeu, no domínio da educação linguística, devem ser deixadas de lado, seja as que tentam mostrar como nossa língua é supostamente inferior à dos portugueses, seja as que tentam mostrar como é superior à deles. Portugal não pode ser o parâmetro contra qual devemos medir nossa língua. Portugal não dita os destinos da nossa língua, o que é total e exclusivamente nossa, dos brasileiros. Não vamos negar nosso passado, nossa história, mas também não podemos persistir num espírito colonizado, quando falta tão pouco para o bicentenário de nossa independência. (Bagno, 2011, p. 111)

Se isso vale para o Brasil, também vale para Moçambique, Angola e Portugal que são os maiores territórios lusófonos do mundo, apesar das línguas nativas extremamente importantes, encontradas no Brasil e na África. Podendo ainda ser válido para os territórios insulares menores, pois suas variações linguísticas acompanham sua evolução econômica, política e cultural local. A grande diferença é o tamanho territorial do Brasil, sua população e recursos econômicos, mas nada autoriza a dizer que o português brasileiro é um padrão atual a ser seguido e copiado pelos outros países.

Essas considerações são relevantes para que se entenda que a base de uma relação lusófona saudável e duradoura é exatamente o respeito pelas diferentes formações culturais, linguísticas e sociais dos diversos países que formam essa comunidade global. Com o incremento dos fluxos de viagens e turismo, os contatos serão cada vez mais constantes e, provavelmente, profundos. É fundamental que os gestores, planejadores e operadores do setor de ser-

viços em geral entendam essas características para quebrar, de início, sentimentos de superioridade ou inferioridade que tanto envenenam relações comerciais, sociais e culturais.

Os estudos linguísticos mais recentes permitem, portanto, equilibrar e harmonizar diferenças históricas, linguísticas e culturais entre os países que compartilham vertentes comuns (como a língua), seja no mundo da francofonia, anglofonia ou lusofonia, para ficarmos em exemplos do mundo ocidental. Essa harmonização ajuda nos fluxos de relações comerciais, financeiras, culturais em geral e turísticas em particular.

Os países lusófonos possuem diferenças marcantes que influenciam o planejamento e desenvolvimento do turismo. É interessante notar que o maior fluxo turístico receptivo internacional acontece em Macau, um pequeno território pertencente à China, hoje o maior destino de hotéis-cassino na Ásia. Portugal aparece em segundo lugar, sendo um importante *hub* turístico na Europa. O Brasil surge em terceiro lugar, tendo seu fluxo estagnado ao longo da última década. Os outros países lusófonos apresentam diferentes fluxos turísticos, de acordo com seu potencial e com suas histórias recentes, várias delas complexas face recentes movimentos revolucionários, como Angola e Moçambique, que prejudicaram seu fluxo turístico durante anos e exigiu uma recomposição de sua infraestrutura.

Em termos de turismo, opto por traçar diretrizes possíveis para fortalecer o serviço turístico na lusofonia, focando na formação profissional, educação e capacidade de governança. Na verdade, essas diretrizes são gerais e cabíveis para qualquer região do planeta, pois as características dos diversos países são bastante diferenciadas. Usarei como base de referência crítica meu próprio país, o Brasil, pois o desenvolvimento do turismo brasileiro apresenta ciclos altamente positivos e ciclos bastante negativos que merecem ser analisados para que as boas governanças possam ser adaptadas e os problemas evitados.

5. A problemática do turismo – o caso do Brasil

A recente onda de otimismo econômico - encerrada com as manifestações populares de meados de 2013, nas principais cidades brasileiras -, não é a primeira a assolar o Brasil. Com um longo histórico de ditaduras e crises econômicas, o país teve momentos de euforia na história recente. Uma das primeiras foi o “milagre brasileiro”, em plena ditadura militar, no início da década de 1970; outras surgiram com os projetos de congelamento de preços no governo José Sarney (1986), inicialmente louvados pela mídia e pela população e logo fracassados, em virtude de suas falhas estruturais e falácias internas; a aplicação do Plano Real (1994), elaborado pela equipe do então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, no governo Itamar Franco, finalmente estabilizou a economia brasileira após décadas de crises e intervenções do FMI e de tentativas canhestras de controle inflacionário. Finalmente, o governo Lula (2003-2010) manteve a política econômica de Fernando Henrique Cardoso e o país suportou consideravelmente as crises econômicas internacionais; manteve um índice baixo, porém estável, de crescimento e dos níveis de emprego; fez uma distribuição de renda que proporcionou a segmentos da população, antes segregados do mercado, consumir mais produtos e serviços graças às linhas de crédito, aos ganhos sociais e à geração de empregos e renda. Essa euforia marcou a sociedade nos anos iniciais do governo Dilma Rousseff, com o país sendo protagonista cada vez mais importante no cenário internacional, principalmente como parte do BRICS (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul), o bloco dos países economicamente emergentes. Essa projeção de otimismo deve-se também ao setor de matérias primas, graças a parceiros comerciais importantes como a China, cujo forte crescimento econômico demanda minerais abundantes no Brasil e na África. Outros fatores importantes foram o fortalecimento do agronegócio; a expansão de prospecção de minerais e petróleo, por empresas como Vale

e Petrobrás; a preparação de mega-eventos (Copa das Confederações, Jornada Católica da Juventude, Copa do Mundo, Olimpíadas); e a existência de um mercado consumidor de grande porte (cerca de 200 milhões de habitantes). Tudo isso gerou otimismo e movimentou a economia, inclusive os setores de viagens, turismo, hospitalidade, eventos, entretenimento e gastronomia.

O turismo brasileiro melhorou consideravelmente ao longo dos últimos 40 anos, mas ainda não se iguala às condições satisfatórias de vários países do mundo, inclusive emergentes como a Tailândia, Malásia, Emirados Árabes Unidos, Costa Rica ou Chile. A análise feita em editorial do jornal "O Estado de São Paulo", de 25 de março de 2013, é tão precisa que merece ser reproduzida:

O turismo responde por 9% do Produto Interno Bruto mundial, algo em torno de US\$ 6 trilhões, e gera 245 milhões de empregos diretos e indiretos. Diante desses números, a competitividade nesse setor não deveria ser tratada como algo desimportante, ainda mais num país como o Brasil, com seu enorme potencial turístico. No entanto, o turismo apresenta resultados decepcionantes. O último relatório do Fórum Econômico Mundial sobre a competitividade turística mostra que o Brasil subiu apenas uma posição e ainda se encontra em um distante 51.º lugar, entre 142 países. É apenas o sétimo colocado nas Américas, atrás até mesmo do Panamá.

A pesquisa mostra que os principais entraves são o precário sistema de transportes e os preços altos. "A rede de transportes permanece subdesenvolvida", nota o relatório, colocando o Brasil numa vergonhosa 129.ª posição nesse quesito. A qualidade das estradas, dos portos e aeroportos e das ferrovias "requer melhorias para acompanhar o desenvolvimento econômico do País". Os autores do estudo acreditam que a realização da Copa do Mundo, em 2014, e da Olimpíada, em 2016, oferece uma "oportunidade para superar essas deficiências de infraestrutura", mas essa conclusão, a julgar pelos resultados pífios dos investimentos na área, parece ter sido apenas uma cortesia dos pesquisadores.

Em relação aos custos para os turistas, o relatório do Fórum destaca os preços altos das passagens aéreas e das taxas aeroportuárias, "assim como a alta dos preços em geral". Nesse quesito, o Brasil aparece em 126.º lugar - entre os subitens destacam-se os altos impostos em geral (140.º lugar) e os preços das acomodações (72.º) e dos combustíveis (77.º). O País também está entre os últimos (119.º lugar) no que diz respeito à excessiva burocracia para o setor de viagens e turismo, tanto para os viajantes como para as empresas do setor.

Há ainda a questão da crônica falta de segurança, que faz a má fama do País e tradicionalmente afugenta muitos turistas. Nesse item, o Brasil aparece em 73.º lugar, e o relatório destaca o alto custo desse problema também para o ambiente de negócios.

O relatório afirma que o Brasil não prioriza o turismo - está em 102.º lugar nesse quesito. É apenas o 83.º em gastos do governo para incentivar as viagens e o 102.º em marketing para apresentar-se aos turistas como um destino em potencial. A falta de atenção ao setor se traduz na sistemática falta de informações para os estrangeiros logo que eles chegam aos grandes centros brasileiros e se deparam com orientações apenas em português, quando elas existem. Além disso, o Ministério do Turismo é tratado como uma das pastas usadas nas barganhas políticas. Em 2011, o então ministro, Pedro Novais, cuja única qualidade para ocupar o cargo era ser filiado ao PMDB, teve de se demitir depois de uma série de escândalos. Uma devassa resultou na prisão de 36 pessoas, entre as quais 8 integrantes do ministério.

Apesar dos problemas, o Brasil ainda é um lugar de grande interesse para os estrangeiros, graças às suas características naturais e culturais - e o Fórum Econômico Mundial reconhece o esforço brasileiro para preservar esse tesouro. Segundo o estudo da entidade, o País é o 1.º do mundo em recursos naturais, o 6.º em locais reconhecidos como patrimônio mundial da natureza e o 16.º em locais reconhecidos como patrimônio cultural. Portanto, o Brasil continua "bonito por natureza", mas depende mais dos desejos dos estrangeiros de conhecer nossas maravilhas do que das condições que o País lhes oferece para atraí-los.

Foi justamente a conjunção desses problemas apontados, aliados a um descontentamento nacional fervoroso, que provocou as violentas manifestações populares nas ruas brasileiras em meados de 2013. Questionou-se inclusive os gastos com a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e as Olimpíadas (em menor escala). Das 44 obras prometidas para a Copa de 2014, apenas uma fora entregue (em junho de 2013), outras foram canceladas ou postergadas e outras tantas foram entregues com atraso, a um custo muito maior que o planejado.

No caso do turismo, as origens dos problemas atuais remetem à década de 1990. Em plena euforia do sucesso do Plano Real, já no governo Fernando Henrique Cardoso, o Ministério da Educação autorizou a abertura indiscriminada de cursos superiores em todas as áreas e o curso de turismo foi o que mais cresceu no cenário universitário nacional. Cresceu em quantidade, mas não em qualidade. Isso provocou um inchaço acadêmico, com muitos cursos ruins oferecidos por inescrupulosos empresários da educação, situação que até hoje provoca problemas e consequências nefastas. Muitos cursos privados fecharam por falta de demanda, pois a sociedade e o mercado entenderam as exigências e os limites do turismo e que não seriam cursos pífios a mudar a problemática estrutural da área. Por outro lado, o setor acadêmico público passou a valorizar os cursos de turismo. Várias universidades federais ou estaduais abriram cursos com novos e melhores patamares de exigência, enquanto alguns bons (e pouquíssimos) cursos particulares se mantiveram em operação. Chegou-se a um número mais realista de cursos existentes no país, pois os 500 ou 600 cursos no auge do breve ciclo de sucesso do “turismo universitário” (entre 1996 e 2004) eram irrealistas para as necessidades nacionais. Certamente uns 30 ou 40 cursos bem estruturados serão suficientes para atender a demanda, haja vista o surgimento de outros cursos específicos que atendem os setores de gastronomia, hospitalidade, eventos, entretenimento, meio ambiente, gestão, cultura e esportes, temas específicos, mas relacionados com o turismo.

As oportunidades profissionais são diversas, porém aumentaram as exigências, a competitividade e a necessidade de constantes atualizações e incrementos profissionais e acadêmicos para fazer frente à demanda. Entretanto, os salários são baixos, os horários e carga de trabalho são pesados e os profissionais sofrem com a instabilidade crônica dos mercados. Esse problema é maior onde há sazonalidade ou dependência de fatores externos que fogem ao próprio controle como problemas climáticos, crises econômicas externas, violência urbana, etc.

As exigências para o sucesso profissional não são novas, mas continuam vigentes. O pior é que são cada vez menos atingidas, graças ao baixo nível da educação brasileira, a começar pelo ensino básico, público e gratuito.

O mínimo que se exige de um bom profissional na área, nos países lusófonos é:

- Falar e escrever muito bem o português;
- Inglês é básico e fundamental, é ideal que se domine ou outra língua;
- Cultura geral sólida;
- Capacidade de evitar e resolver problemas;
- Ser empreendedor e ótimo gestor;
- Compreensão das novas configurações sociais, econômicas e culturais e das mudanças cíclicas e transformadoras que se sucedem aleatoriamente;
- Domínio pleno de informática, redes sociais e comunicação;
- Conhecimento profundo de sua área específica de atuação profissional;
- Vontade pessoal de se desenvolver e se manter na vanguarda no seu campo de atuação;
- Compreensão do que significa o prazer e os serviços relacionados como lazer, turismo e hospitalidade;
- Capacidade de ler e compreender as obras fundamentais de seu campo de atuação.

No final da década de 1900, escrevi um texto crítico sobre os principais problemas do turismo brasileiro, envolvendo desde mitos, preconceitos e ufa-

nismos. Vale lembrar e perceber que as mudanças não foram profundas como poderiam, o que ajuda a explicar a leniência e superficialidade de considerável parcela dos setores privado e público do turismo nacional. Os principais tópicos eram:

1. "Turismo se aprende na prática" — refere-se aos preconceitos do mercado em relação à formação técnica e superior na área. Com a proliferação dos cursos de baixo nível, parte desses preconceitos foi reforçada. Entretanto, o surgimento de novos cursos, melhor estruturados, ajudou a valorizar devidamente o campo educacional do turismo. Programas de mestrado e doutorado, no Brasil e no exterior, garantirão mais credibilidade e competência ao setor acadêmico;
2. "Aqui no Brasil fala-se português" — é uma pérola nefasta oriunda do nacionalismo pueril que contaminou nosso país durante tantos anos e deixou lacunas importantes na cultura nacional. Há uma preponderância de pessoas monoglotas em nossa sociedade e esse limite se estende ao mundo acadêmico. Muitos não se expressam em outro idioma, que não seja o português. Sendo o turismo um setor internacionalizado, com áreas globais onde se fala o inglês, russo, chinês ou espanhol, é evidente que os profissionais e pesquisadores devem ser capazes de se comunicar em duas ou três línguas, seja no Brasil ou em outros países do mundo. Felizmente as novas gerações de pesquisadores acessam universidades e grupos de pesquisa por todo o mundo. Há que se destacar que os bons programas de mestrado e doutorado de Portugal, se fundamentam em rica bibliografia, inclusive na língua inglesa;
3. "Globalização é perdição" — na esteira do nacionalismo ingênuo (ou ressentido) e dos preconceitos anti-americanistas tupiniquins, sobram apenas críticas em relação à globalização. O problema é que o setor de viagens e turismo é um dos motores do fenômeno polêmico conhecido como globalização. Juntamente com as novas tecnologias de informática, as telecomunicações e o sistema financeiro internacional, os setores

de viagem, turismo, entretenimento e eventos, exigem articulações globais para melhor se desenvolver;

4. "Não há literatura específica no Brasil" — a situação da pesquisa em turismo melhorou consideravelmente, mas ainda há poucas publicações brasileiras nos periódicos internacionais. O cenário manteve-se mais ou menos estável durante a última década. Alguns programas de mestrado não se mantiveram nas exigências feitas pela CAPES (Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), e foram extintos. Restaram os programas da Universidade de Caxias do Sul (RS), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (RN), Universidade Anhembi-Morumbi (SP), Universidade Federal de Brasília (DF), Universidade Federal do Paraná (PR) e Universidade do Vale do Itajaí (SC), sendo esta a única com nota 5,0 e com programa de doutorado na área;
5. "A escola não investe no docente" — O professor doutor tem sido desvalorizado sistematicamente por uma parcela considerável de instituições privadas, no Brasil. Muitos profissionais migraram para as universidades públicas, face ao descaso e visão tacanha de alguns empresários da educação. Nessas escolas o ensino precário é dado em apostilas, as aulas teóricas são dadas para classes imensas e as provas são padronizadas organizadas por um pequeno grupo de gestores. Nesses casos, um docente com doutorado é um desperdício, quando não uma ameaça ao pensamento cordato, submisso e acrítico que é imposto às massas pagantes. Um pensamento mais denso, crítico e reflexivo ficou restrito a poucas escolas particulares e à rede de universidades públicas. Evidentemente isso é um problema para o país, pois a qualidade do ensino universitário é desfigurada e a faculdade é transformada, na melhor das hipóteses, em um "colégio" profissionalizante ou em uma escola fácil e barata, onde se consegue um diploma (sem grande valor no mercado) em suaves prestações mensais;

6. “Turismo e política” — é uma das áreas que mais piorou ao longo dos anos. No início do governo Lula, em 2003, a inauguração do Ministério do Turismo foi promissora. Mas o horizonte alvissareiro teve vida curta. A segunda ministra da área, Marta Suplicy, desgastou-se em 2007, ao ironizar a terrível crise aérea que se abateu sobre o país. Semanas depois da ministra do Turismo sugerir aos passageiros “relaxar e gozar” em caso de atrasos ou confusões nos aeroportos, um avião da TAM (TAM, Linhas aéreas) caiu em plena cidade de São Paulo matando quase duzentas pessoas. Depois, no governo Dilma Rousseff, a pasta de turismo foi alvo de escândalos de corrupção que levaram à demissão do ministro e boa parte da equipe foi para a prisão. Como em todos os escândalos políticos brasileiros, os inculpatos ficaram pouco tempo presos, mas o estrago estava feito. O Ministério do Turismo goza de pouca simpatia da presidenta e está paralisado. Os megaeventos (Copa do Mundo, Olimpíadas, etc.) estão sob responsabilidade do Ministério dos Esportes. Os projetos específicos de turismo estão desarticulados ou simplesmente cancelados. Desde o início do governo Dilma Rousseff, o Brasil deixa, na prática, de ter uma pasta ministerial em turismo. Em vários estados essa realidade se repete. As obras de melhorias para os megaeventos estão atrasadas, tiveram seus custos elevados ou sofreram adaptações. Aeroportos, avenidas, metrô e outras obras de infraestrutura serão entregues parcialmente. Os atrasos nos projetos, a demora em conseguir certidões ambientais ou lançar as licitações inviabilizaram a plena modernização e ampliação dos serviços. Mesmo os *convention bureaux*, tentativas eficientes de dinamizar as cidades e regiões para organizar sua cadeia produtiva em torno da organização e divulgação de seus eventos, sofre com os vícios, irregularidades e rivalidades estéreis que marcam os setores público e privado do turismo brasileiro;
7. “Quem faz turismo será agente de viagens” — se na época essa frase já era um engano, a última década tornou-a uma exceção. Os agentes de viagem não desapareceram, mas diminuíram consideravelmente em quantidade e foram profundamente transformados em qualidade e perfil profissional. Os que restaram vivem graças a sistemas informatizados que interligam seus clientes e fornecedores. São menores, altamente especializados, atendem segmentos específicos em viagens personalizadas, usam as novas tecnologias e pesquisam sistematicamente em busca de novidades para seus clientes. Disputam o mercado com empresas imensas que controlam o setor aéreo, hoteleiro, de cruzeiros marítimos ou *tours* especiais pelo mundo. Precisam oferecer serviços cada vez eficientes e encantadores para fidelizar clientes que dominam a terminologia e métodos do turismo;
8. “O potencial turístico do Brasil é fantástico” — os últimos anos mostraram uma realidade cruel: muitas praias brasileiras estão poluídas; os planos diretores de cidades turísticas foram desvirtuados pelos interesses imobiliários que convenceram (ou subornaram) as câmaras municipais a flexibilizar leis para que seus empreendimentos fossem lançados e os lucros estivessem acima dos interesses da comunidade ou qualidade de vida. A infraestrutura é deficiente, muitas vezes mal adaptada ou meramente ignorada, com desculpas de sazonalidade, questões ambientais ou falta de recursos ou requisitos técnicos adequados.

Perguntei a vários executivos de turismo se eles pensavam que a área sofreu uma estagnação na última década. Muitos concordaram e alguns afirmaram que houve retrocesso. O editorial do jornal, reproduzido acima, deixa isso muito claro. Já não há, no país, o entusiasmo que se percebia pelo crescimento e expansão do turismo. Há uma apatia com o setor, fruto de uma década perdida.

6. Considerações finais

A riqueza das línguas românicas é imensa e foi devidamente mapeada. Além do grupo português (espaço da desejada lusofonia) há o itálico, o romanche, o gálico (francês, valão quebequense, etc.), o sado, o corso, o occitânico, o romênico (romeno, moldavo, etc.), o ásturo-leonês e o hispânico (castelhano, andaluz, ladino, mexicano, cubano, peruano, paraguaio, argentino, etc.). Segundo Bagno,

(...) as línguas românicas são faladas por cerca de 800 milhões de pessoas. Dessas, o grupo hispânico, com suas diversas línguas, é o que tem o maior número de falantes. Se adotarmos o conceito de língua nacional como a língua que dá identidade a um povo constituído numa nação independente e soberana, o português brasileiro é a língua românica mais falada no mundo, com mais de 190 milhões de falantes maternos (seguida pelo espanhol mexicano, com cerca de 100 milhões), a segunda língua mais falada no ocidente (depois do inglês americano, com 300 milhões de falantes) e a quarta mais falada do planeta depois do mandarim (1 bilhão), do hindí (800 milhões) e do inglês americano.” (Bagno, 2011, p. 203)

Para Bagno e outros linguistas, o português veio do galego. É na Galícia, hoje Espanha, onde surge a língua da qual se originam as línguas incluídas no grupo português. É um universo imenso e variado: angolar (São Tomé), cabo-verdiano, crioulo da costa de Coromandel (Índia), crioulo de Ambom (Indonésia), crioulo de Bengala (Índia), crioulo de Bombaim (Índia), crioulo de Flores (Indonésia), crioulo de Java (Indonésia), crioulo de Korlai (Índia), crioulo de Macassar (Indonésia), crioulo de Macau (China), crioulo de Quilom (Índia), crioulo de Tellicherry (Índia), crioulo de Ternate (Indonésia), crioulo de Trincomalee e Batticaloa (Sri Lanka), cristang (Malásia), fá d’A,bô (Ano Bom, África), forro (São Tomé), galego (Galícia, Exsoanha), kriol (Guiné-Bissau), língua da casa (Damão, Índia), língua dos velhos (Diu, Índia), lunguyê (Príncipe, África), papiamento

(Curaçao, Aruba, Bonaire), patuá macaense (Macau), português angolano (Angola), português brasileiro (Brasil), português cabo-verdiano (Cabo Verde), português europeu (Portugal), português guineense (Guiné-Bissau), português moçambicano (Moçambique), português santomense (São Tomé e Príncipe), português timorense (Timor) e português uruguaio (Uruguai) (Bagno, 2011, pp. 209-210).

Entre todos esses países e territórios, destaca-se que a condição de língua materna hegemônica e oficial do Estado só existe no português brasileiro e no português europeu, ou seja, no Brasil e em Portugal. Nos outros países o português convive com outras línguas e estilos linguísticos, conforme suas raízes históricas, culturais, étnicas e sociais.

A sensação oceânica de unidade linguística lusófona remete, portanto, a uma visão mais vasta e profunda de pertencimento às raízes comuns românico-galegas que, por sua vez, se articulam com o imenso caudal linguístico de toda a humanidade, da qual fazemos todos parte integrante. A história bíblica da torre de Babel é uma metáfora do cipoal de línguas, culturas e costumes que formam a tessitura da humanidade sobre o planeta.

É nesse universo pluralista onde temos que conviver nos bolsões insulares da lusofonia, seja no contexto de suas próprias características e diferenças, seja no contato com outros bolsões que mantêm contato conosco. Todos, em conjunto, nos transformamos sistematicamente enquanto o conhecimento se constrói e nossos projetos, sonhos e desejos são desenhados na materialidade do cotidiano ou nos espaços oníricos da eternidade.

Bibliografia

- Bagno, M. (2011). *Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*. São Paulo: Parábola.
- Castilho, A. T. de (2010). *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto.
- Círculo de Leitores (s.d.). *Padre António Vieira, A Obra Completa*. Acedido em 2013, em <http://obracompletavieira.blogspot.pt/>
- Couto, M. (1999). *Raiz de Orvalho e Outros Poemas*. Alfragide: Editorial Caminho.

- Holanda, S. B. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Jornal O Estado de São Paulo (2013). *Editorial de 25 de março de 2013*. São Paulo: Jornal O Estado de São Paulo.
- Le Goff, J. (2009). *Heróis e maravilhas da Idade Média*. Petrópolis: Vozes.
- Leite, E. (2011). *Turismo cultural e patrimônio imaterial no Brasil*. São Paulo: Intercom.
- Lopes, L. P. da M. (Org.). (2013). *O português no século XXI – Cenário geopolítico e sociolinguístico*. São Paulo: Parábola.
- Lourenço, E. (1992). *O labirinto da saudade*. Lisboa: Dom Quixote.
- Matias, M. (2002). *Turismo, formação e profissionalização – 30 anos de história*. São Paulo: Manole.
- Netto, A. P., & Trigo, L. G. G. (2009). *Cenários do turismo brasileiro*. São Paulo: Aleph.
- Page, M. (2008). *A primeira aldeia global – como Portugal mudou o mundo*. Alfragide: Casa das Letras.
- Pessoa, F. (1977). *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Pessoa, F. (2009). *Livro de viagem*. Lisboa: Guerra e Paz.
- Pessoa, F. (2010). *Mensagem*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Tavares, G. M. (2011). *Uma viagem à Índia*. Alfragide: Caminho.
- Torga, M. (1994). *Antologia poética*. Coimbra: Dom Quixote.
- Torga, M. (1996). *Portugal*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Trigo, L. G. G. (2000). *A importância da educação para o turismo*. In B. H. G. Lage & P. C. Milone (Eds.), *Turismo, teoria e prática* (pp. 243-255). São Paulo: Atlas.
- Trigo, L. G. G., & Netto, A. P. (2003). *Reflexões sobre um novo turismo*. São Paulo: Aleph.
- UNWTO. (2013). *UNWTO Tourism Highlights, 2013 Edition*. Acedido em 2013, em <http://mkt.unwto.org/en/publication/unwto-tourism-highlights-2012-edition>